



Quem não senta pra aprender, não levanta pra ensinar: uma aula com a Griot Marise de Santana

Who does not sit to learn, does not get up to teach: a class with Griot Marise de Santana

Nkembo Olugbala Silva Santos

Programa de Pós-Graduação em Relações
Étnicas e Contemporaneidade
asilianikulapoolugbala@gmail.com

RESUMO:

A seguinte entrevista, realizada no ODEERE, traz reflexões da Griot Marise de Santana a respeito de suas lutas envolvendo a carreira acadêmica, a religiosidade afro-brasileira e os aspectos de sua ancestralidade fortemente nuançada em sua prática docente, pesquisadora e militante. Buscou-se fazer de forma não linear uma apresentação da sua trajetória acadêmica, os espaços ocupados por ela, a repercussão de suas pesquisas, bem como sua vinculação teórica à outras e outros intelectuais brasileiros e afro-brasileiros. Por fim, aponta-se a necessidade de mais estudos no campo das Relações Étnicas e contemporaneidade que tenham por objetivo precípuo a de(s)colonização do conhecimento e das ciências.

Palavras-chave: Marise de Santana

ABSTRACT:

The following interview, held at ODEERE, brings reflections of Griot Marise de Santana about her struggles involving the academic career, Afro-Brazilian religiosity and aspects of her strongly nuanced ancestry in her teaching, research and militant practice. We sought to make a nonlinear presentation of her academic career, the spaces occupied by her, the repercussions of her research, as well as her theoretical connection to other Brazilian and Afro-Brazilian intellectuals. Finally, there is the need for further studies in the field of Ethnic Relations and contemporaneity that have as their primary objective the colonization of knowledge and the sciences.

Keywords: Marise de Santana

DOI: 10.22481/odeere.v4i8.5777



Foto: Arquivo do ODEERE. Todos os direitos reservados.

Começo saudando a sua ancestralidade, pedindo benção como sua mais nova na caminhada, do axé, na militância, docência e pesquisa. Agradeço a disponibilidade, acredito que essa conversa será fonte onde beberão pesquisadoras do campo das relações étnicas e ancestralidade. Gostaria de saber como foi sua caminhada como mulher negra até chegar à universidade, em torno de seus estudos, vida profissional e a relação com o axé. Relaciono essas questões que parecem tão díspares porque sua escrita e pesquisas enunciam aspectos de sua alteridade profundamente calcada na ancestralidade.

Na verdade assim, eu acredito que a minha caminhada de luta contra o racismo, as discriminações de modo geral, se inicia no momento que eu sou aluna de uma escola que diz assim, 'você só pode sair no pelotão de escravos', e eu ansiava sair em outro pelotão dos desfiles cívicos que não fosse o de escravo. Essa forma, esse trato da escola desperta toda uma necessidade mesmo de luta, de me ver como pessoa, de ser pessoa. Depois eu acho que a religião foi um outro marco muito importante na minha vida, porque ser iniciada na religião de matriz africana faz com que a gente agradeça por tudo. Agradeça a ancestralidade por permitir que eu chegue onde eu cheguei, por eu ter contribuído na vida de algumas pessoas... E pensando nisso, eu me vejo com esses dois marcos muito fortes, pra que fale um pouco da minha trajetória, que me conduziu pra onde eu fui, a pensar essas

questões que na academia se diz que são de militância, e eu pergunto: quem não é militante? Se não for militante não serve, não é um bom pesquisador; se não for militante não é um bom professor; se não é militante você não é um bom extensionista. Então me vejo muito dentro desse horizonte pra pensar tudo isso. Eu falei de dois marcos, mas eu acho que o terceiro marco seria a própria criação do Odeere... E é um outro marco também de uma importância muito grande, mas que talvez eu deixe ele um pouco de lado, não atribua a ser um terceiro marco por conta de que foram os dois primeiros que me fizeram fazer uma caminhada pra que eu pudesse me tornar professora, educadora, mestre, doutora, pós-doutora, mas visando sempre um pensar acadêmico diferenciado do que eu ao longo da minha vida vi dentro da academia, dentro das universidades. Um pensar pra que a gente pudesse de fato contribuir para um mundo melhor, essa perspectiva maior, essa luta... Então, eu penso que entender quem somos nós, qual é a nossa identidade, é uma possibilidade de estar dando contribuições para o outro também. Quando a gente pensa qual o sentido de 'nós', qual é o meu sentido de vida, quem sou eu... Eu estou pensando que o outro não sou eu, então, o outro é quem? Qual o sentido que ele tem, que ele atribui à vida. Estar na Antropologia foi muito importante, porque minha formação é uma formação, digamos, um tanto eclética. O primeiro curso que eu fiz na universidade foi nas (Ciências) Exatas. E eu fiquei o tempo todo pensando que eu ia permanecer nas exatas, tanto que eu fui pra Engenharia também. Mas eu sempre me dava conta de que faltava alguma coisa, faltava algo que as Exatas não tinha que é a relação humana. Então por isso eu fui fazer Pedagogia. Mas quando eu fui fazer Pedagogia não necessariamente eu queria fazer Pedagogia, eu queria fazer qualquer curso de Humanas, poderia ser Filosofia, qualquer outra. Eu tinha uma trajetória de ensino na Matemática, quando eu termino a Pedagogia eu venho pra universidade, mas não com o desejo de vir para a universidade... Saiu no jornal que tinha uma vaga para a UESB e eu disse: eu vou lá testar o que eu aprendi na Pedagogia. Nesse teste eu passei aqui e foi um dilema porque eu não queria vim... Resultado: eu vim para Jequié e foi tudo de bom o que aconteceu na minha vida. Jequié me acolheu, me deu essa identidade de jequeense e eu agradeço muito aos jequeenses porque foi muito bom eu ter vindo. O meu crescimento, que não foi só acadêmico, foi espiritual, se deu justamente por conta de eu ter adentrado a um espaço que

necessitava que fizesse o trabalho feito por mim nesses anos. Enfim, essa fala é um agradecimento à cidade, ao povo que me acolheu de Jequié e da região.

No início de sua carreira acadêmica sua pesquisa enfocava a relação entre o Legado Africano (doravante LA) e as práticas docentes. Acha que a pesquisa impactou sua própria prática docente, e também a construção da identidade docente de alunos/as, pesquisadores/as e militantes?

Na verdade quando eu fui pesquisar sobre LA, isso foi algo que já estava lá na minha identidade, eu enquanto criança, numa região do recôncavo da Bahia mas, que havia um reconhecimento do povo branco e não de nós negros, e de outros povos que ali estiveram, tais como, os indígenas que estavam antes de todos nós. Esse trabalho com os LA foi um trabalho que me deu a possibilidade de eu pensar mais profundamente a minha identidade, mas também a identidade de um povo que estava lá no Recôncavo da Bahia e que me cercava. Então pensar em Legados nesses anos todos me deu a possibilidade de eu estar sempre lidando de uma forma diferenciada com temas que conduzem o tempo todo ao debate dos LA. Então, naquele primeiro momento o que foi muito inquietante foi a discriminação que professores/as tinham com esses elementos de LA presentes nesta região. Como pode alguém só tratar os negros como se eles ainda fossem escravos, ou seja, como se tivessem uma identidade escrava, e não uma identidade africana. As pessoas referem-se a 'portugueses', 'árabes', mas quando vão se referir aos negros, não se referem como africanos, e sim como 'os escravos'. Essa inquietação ela se fundamentou muito melhor quando eu fui para o mestrado, eu estava muito voltada para pensar como essa diversidade cultural se dava. A coleta de dados me levou a descobrir que cultura era entendida pelos professores e professoras como algo de escola. Então diziam, "meu pai não tem cultura, minha mãe não tem cultura porque eles não foram a uma escola, a uma universidade, porque eles não têm escolarização". Ora, isso interfere diretamente na forma como vão pensar sobre cultura para trabalhar em sala de aula. Se esses alunos/as são na verdade pessoas que têm uma estruturação familiar não escolarizada, onde o pai e mãe não têm isso que o professor e professora dizem que é cultura, então como vamos lidar com o Senso Comum dos alunos e alunas. Aqui entendo Senso Comum como um corpo organizado de saberes baseados no cotidiano da própria cultura,

na sua vida como um todo, tal qual nos diz Geertz (1998). Ter esse entendimento interfere na forma como professores/as pensam seu trabalho e sua formação. Então, os depoimentos que eu tenho dos professores e professoras na pesquisa realizada para dissertação de mestrado com lócus na cidade de Jequié, são depoimentos fortíssimos, que faz a gente pensar como esses professores/as lidam com seus alunos/as em sala de aula. Vale aqui ressaltar que, naquele momento da pesquisa de mestrado, ano de 1997 a preocupação era com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/1996. Esta lei levou a nós professoras/es a ter preocupação com temas que até então a escola não tinha debatido: Pluralidade cultural, gênero, Diversidade Sexual, Ética entre outros temas. Pensar sobre o que é Ética carrega uma importância muito grande, isto porque, quando a gente pensa o que é ética, temos que pensar o que é moral. E no pensar moral e ética que verifica-se o pensamento de uma moral cristã, maniqueísta, que a sociedade brasileira mantém acerca de gênero, por exemplo. A nova LDB inquietava nós professoras/es, neste sentido, meu objeto de estudo no mestrado buscou investigar como professores e professoras estavam recebendo os Parâmetros Curriculares Nacionais enviados pelo MEC em 1996 e como estavam lidando com esses parâmetros em sala de aula. Esta pesquisa vai constatar que especialmente no tema Pluralidade cultural, professores/as pensam a cultura como universalizante, como sinônimo de escola. Abominam a religião do outro que não é protestante, pentecostal ou católico. Então, em estudos de doutoramento passo a pesquisar sobre a formação docente. Por que é importante pensar na Formação docente? Porque professores se formam dentro de uma estrutura que é de docência monocultural, universalista. Boaventura, nos chama atenção para pensar sobre a estrutura universitária para que possamos adentrar a estrutura pluriversitária. Portanto, professores/as não se formam para desenvolver em suas atividades de docência um saber gestado pelo cotidiano de seus alunos/as, que seria um saber pluriversitário fruto da articulação entre ensino e pesquisa. A ausência deste saber vai fazer com que sejamos formadores de pessoas imbuídas de preconceitos que geram discriminações. Temos formado pessoas misóginas, homofóbicas, racistas. O trabalho com os Legados Africanos me trouxe, num primeiro momento esses elementos. Mas depois, em outros momentos, quando eu vou aprofundando estes estudos, vou constatando elementos que nos ajuda a pensar sobre as etnicidades. Como esses

Legados Africanos trazem pra gente elementos de etnicidades? Tais elementos podem ser pensados na perspectiva de perceber as diferentes identidades, as questões raciais entre outros elementos que substancia o debate Étnico. Estes elementos nos aponta os contrastes das identidades, o processo de fricção étnica. Portanto é tomando os estudos de Roberto Cardoso¹ sobre fricção étnica é que vamos perceber como estes fenômenos fazem indivíduos negarem o outro ou até a si próprio, neste sentido é que o debate étnico não pode se afastar do pensamento descolonizado. A colonização afirma e muitas vezes reafirma a exclusão da identidade do outro. Neste sentido, ter trilhado por estes estudos contribuíram para que eu não fosse apenas uma acadêmica racionalista, mas para que eu buscasse aliar saberes acadêmicos aos saberes da minha vida, da minha luta diária, da minha luta desde criança, da minha formação como mulher negra e candomblecista. Quando eu adentro ao estudo dos Legados Africanos para pensar as relações étnicas, é bem bacana, porque a gente quando pensa, por exemplo, numa estruturação de fazer um caruru² dentro da universidade a pergunta é: o que significa isso? Tal atividade está alicerçada nos estudos de Legados Africanos e etnicidades. Ao pensar nas comidas do caruru, estamos pensando como elas carregam etnicidades. Vatapá, Omolocum, Amalá, Abará, Acarajé e outras tantas carregam etnicidades que só os mitos afro-brasileiros podem explicar. A própria estrutura organizacional do caruru carrega elementos étnicos do catolicismo, das religiões de Matrizes Africanas, portanto europeia e africana. Neste sentido, podemos afirmar que um caruru pode carregar saberes de Cosme e Damião, *Erê*, *wunji*, *ibeji*, mostrando que existe aí processos de etnicidades diferenciadas que dão pra gente ideia de um estudo que não é um estudo onde eu diga que o catolicismo absorveu esse ritual que é africano. Mas eu digo que há aí uma interação entre esses rituais africanos e os rituais católicos feitos nas terras brasileiras, que dão pra gente elementos de estudo tão necessários. Penso que o tempo todo eu caminhei trazendo a militância e a luta sem me dissociar desses elementos que são acadêmicos, mas fazem parte de minha identidade. Eu diria que a gente tem aí, dentro do trabalho que desenvolvi como docente, pesquisadora e extensionista na minha trajetória na UESB, elementos que são do meu senso comum, como já disse anteriormente, estou pensando senso comum como Clifford Geertz³, a ideia do senso comum como um corpo organizado de

cultura, da minha cultura. Agradeço aos meus ancestrais que abriram meus caminhos para que eu produzisse ciência com consciência. Meus ancestrais abriram meus caminhos para eu ser uma acadêmica que não perdesse os meus elementos culturais mas que também, valorizasse os elementos culturais dos outros, ou seja, que eu pudesse entender o sentido dos outros. Acredito numa produção de conhecimento que articula senso comum com elementos de bom senso, embora o Bom Senso seja autoritário, perigoso, óbvio pois é universal. Como nos diz Geertz, "ter bom senso é falar coisas que outros falam". A mente enraizada no artificialismo, no colonialismo é uma mente que aprendeu a ter Bom Senso, sendo assim, quando se pensa no caruru servido no espaço do ODEERE- Órgão de Relações Étnicas da Universidade estadual do Sudoeste da Bahia, precisamos refletir: quais são esses elementos de bom senso que estão dentro deste espaço? Quais elementos estão presentes no espaço que forma indivíduos para terem bom senso? Quais elementos de bom senso são importantes de serem reafirmados para que haja integração dos indivíduos? Enfim, aliar a formação acadêmica universalista que tive com os elementos com saberes de minha cultura fizeram com que eu não me perdesse em minha caminhada profissional. Foi por esse caminho acadêmico que eu trilhei, tais traços estão nos projetos de aula e de pesquisas elaborados por mim durante os quarenta anos (40) de docência. Tais projetos foram aprovados em diferentes instâncias acadêmicas e estão atrelados a quem eu sou, à minha identidade.

Sua experiência como docente e pesquisadora hoje se reflete na sua postura e escolha como Griot do ODEERE. Somado a esse saldo relevante para a educação e relações étnicas, recebe o título de cidadã jequieense visto sua contribuição, como noutra momento da sua vida docente deixou seu legado na cidade natal de Candeias. Para você, qual a maior conquista presenciada nesses anos de atuação docente e militante?

Nossa! Foram tantas. Você está aqui fazendo eu rememorar meu percurso histórico, isso é um presente. Mas foram muitas conquistas, e eu fico aqui preocupada se eu não destacaria algumas e deixaria outras, tão importantes quanto. Eu acredito que, como eu já tinha ressaltado, a questão de ter vindo pra Jequié foi um presente, e ter sido acolhida nesta cidade e na região, foi um grande presente. E

aquele momento (entrega do título de cidadã jequeense) foi um momento de muita emoção. Foi um momento de emoção, porque tem também uma vaidade nisso. A gente pode dizer 'que bom que eu recebi esse título de cidadã jequeense', mas a verdade é que, para além da vaidade, o importante foi o significado desse título. Costumo dizer que, não é um título meu, mas eu considero um título para todos e todas nós, pessoas negras, mulheres negras, homens negros, em uma cidade que sempre oprimiu o negro sua história e seu cotidiano, que sempre visualizou as culturas brancas invisibilizando as pessoas negras. Portanto divido este título com aqueles que iniciaram o ODEERE comigo e com aqueles/as que vieram depois de forma indistinta (Profa. Ivonildes Moura, Gilvan, Poliana, Negão, Marcos Lopes, Emanuel Braga, Prof. Anísio, Dhemis, Felipe, Profa. Ana Angélica, Prof. Edson Dias Ferreira...). Também com todos e todas que me acolheram na cidade de Jequié. Com os membros do movimento negro Mocambo Odara que idealizou o processo para que eu fosse titulada como Cidadã Jequeense. Em especial, ofereço a nossa gente africana e seus descendentes que na "pátria Mãe Brasil" foram historicamente discriminados por um regime de Apartheid não oficializada. Além da forte emoção, existem outras tantas coisas que aconteceram durante o momento em que recebi o título, importantes para serem relatadas. A câmara de vereadores, até então, pelo pouco que eu conheço a história, nunca tinha celebrado com pessoas do culto de matriz africana momento ímpar como o que vivi para vivenciar. Estas pessoas de forma bonita puderam mostrar os seus saberes através do toque do Atabaque, dos cânticos, agradeceram com cantigas os nossos ancestrais, então isso foi de uma grandeza, foi algo muito rico. Algo que ficou na minha memória! Tem outro elemento também, que foi muito forte. Os médicos estavam me dizendo: 'a senhora não vai mais andar, a senhora vai ter que pedir licença para se cuidar ou precisará ir para seu trabalho usando andador', e eu negava as possibilidades apresentadas! Eu achava que não, se eu entrasse num processo de andador, ou se eu pedisse licença da universidade, eu não voltaria mais. E foi muito bom eu ter sido aconselhada pelos meus ancestrais que não deveria largar o trabalho, que deveria tocar a vida, sentindo dores, mas essas dores iriam passar. Então subir na tribuna para receber o título em um momento em que não estava me locomovendo com toda destreza que eu sempre tive, foi muito forte. Outros

momentos em minha vida foram muito grandiosos, defender minha tese em 2004. Ter encontrado a profa. Josildeth Gomes Consorte em 1997 para fazer minha orientação nos estudos de mestrado e doutoramento, foram momentos grandiosos, porque ela é uma das poucas orientadoras no Brasil que formou uma geração de pessoas que debatem questões Étnicas e questões raciais no Brasil.

Lembro que disse em aula que a militância não é separada da identidade étnica, logo, a melhor forma de deixar nossa contribuição para a alteração desse estado de coisas, cujo racismo nos perpassa enquanto negras/os é estar consciente da nossa pertença. Gostaria que a senhora falasse um pouco mais sobre isso.

Entender essa nossa pertença e a nossa identidade, na verdade é a gente adentrar a caminhos, a processos que contribuam. Quando eu penso, por exemplo, a descolonização, esse processo de descolonizar é algo que sempre esteve na minha cabeça, e depois dos estudos que realizei no mestrado e doutorado se acentuaram. Não posso dizer que desde criança pensava conscientemente na descolonização, mas tinha já aí uma atitude, aquela que alguns teóricos da de(s)colonização vão dizer que é uma atitude descolonizadora. Então isso estava na minha atitude, e além disso, está na identidade. Se está na identidade, então você vai, na verdade, ter um objeto de estudo que ele vem ao seu encontro, e você porque tem essa atitude de descolonizar entende que a sua identidade é uma identidade que lida com esses elementos, então você acata o objeto. E aí, você acatando o objeto faz um trabalho que, na verdade, não se sabe em que momento é um trabalho dessa militância, ou é o trabalho dito acadêmico, porque entendo que eles estão inter cruzados. Digo isso porque, a gente costuma pensar nos nossos autores e autoras que lidam com a teoria da descolonização/decolonização, mas não nos damos conta que Mãe Aninha (Liderança do Candomblé) foi uma mulher no seu tempo que pensava na descolonização. Mãe Aninha dizia: 'eu quero meus filhos de anel nos dedos e aos pés de Xangô'. No resumo da minha tese eu cito essa fala, para analisar o quê que ela estava querendo dizer naquele momento. O que significa o anel no dedo? O anel no dedo através de estudo é o símbolo de uma cultura que acredita no diploma, uma cultura que nega a cultura do indivíduo que não tem escolaridade, portanto, ela entendia que o filho ou filha sem anel no dedo iria trilhar um mundo

muito difícil. Estar dentro de uma sociedade como a nossa sem o diploma é difícil! Mas ela não queria negar a não escolaridade, até porque Xangô está dentro de uma cultura oral. Quem é Xangô? Xangô é o deus da justiça. Ora, se é um ancestral africano da justiça, o que Mãe Aninha certamente desejava, que o diploma não tragasse os seus, que eles/elas tivessem sempre impregnados de justiça. Ao Diploma seria agregado elementos de luta de militância de rejeição as injustiças. Este pensamento de Mãe Aninha traz em si elementos fronteiros entre colonização / descolonização, inclusão/exclusão. O que ela dizia "Eu não quero meu filho somente aos pés de Xangô, quero ele também de anel no dedo". É o pensamento de uma mulher que não escreveu sobre descolonização mas sua atitude é de descolonização. É uma atitude que se coloca contrária ao pensamento colonizador. Mãe Aninha ensinou a uma geração de pesquisadores/as dentro do nosso país (Nacimária Luz do Patrocínio, Ana Celia Silva, Petronilha Beatriz, Muniz Sodré, Vanda Machado, Rachel Oliveira, Maria Batista Lima, Marise de Santana e tantos outros), como articular academia e militância. Maldonado-Torres diz que uma atitude de descolonização só existe em um pensamento que lida com fronteiras. Então, quando eu penso na minha identidade, verifico que em minha trajetória profissional, mesmo quando conscientemente não optava pelo trabalho docente enunciador de fronteiras, elas estavam ali presente. Em função disso, ao longo de minha caminhada vou encontrar pessoas que vão dizer, 'não, ela não é acadêmica. Outras vão dizer, o trabalho é de militância negra ou o trabalho é de militância religiosa. Aí está posto elementos enunciadores de fronteiras. Está em questão a dialética da identidade a afirmação do Eu sou, aparece de forma indireta o que Eu não sou, portanto, uma Identidade se afirma negando a outra identidade. Então poderíamos de forma apressada se equivocar e dizer que a discriminação de todas as ordens, seja ela, racial, Étnica, de gênero e outras teriam como vilão ou vilã o reconhecimento da identidade? Não cabe aqui este debate, mas o etnocentrismo nos levou no Brasil a localizar as pessoas em seus quadrados, se sou mulher negra parece que não posso ser professora universitária, se estou aos pés de Xangô não posso querer ter diploma. Estes são pensamentos do colonizador que institui quem pode estar na escola, na universidade. Nossa luta é para que essa academia seja plural e diversa, que reafirme as diferentes identidades. Pensar essas questões é pensar sobre as

fronteiras que estão ao longo da minha trajetória, como professora, como pesquisadora. Eu depositei na minha trajetória de pesquisadora e docente, todo um legado que vem desde os meus antepassados, meu nascimento, minha família, minha religião, enfim, da minha trajetória histórica para que eu diga “não me convenço de que as coisas precisam estar dessa forma, precisamos experimentar possibilidades de mudanças”. Aliar história de vida e os elementos de Bom Senso que a academia fornece me respaldou para que eu me interessasse pelo trabalho com as leis Lei 10.639/2003 e 11645/2008, me questionando: em que momento a escola se preocupou com os indígenas? E com os africanos? E com os ciganos? Por que a escola não se preocupou com esses grupos? Tais questionamentos nos apontam para entender o conhecimento como poder. É por isso que hoje eu tenho a preocupação de que nós possamos encontrar uma categoria que não seja essa que desassocie pesquisadora de militante. Eu não posso admitir que você, Vanessa, que tem toda uma militância de questões raciais possa hoje estar fazendo uma dissertação, como você está fazendo, onde eu depois diga assim, ‘isso aqui é da militância dela, isso aqui é ela como pesquisadora’, não! Existe uma associação entre elementos que são diferentes e vão dar exatamente o peso da sua pesquisa. Eu penso que precisamos encontrar uma categoria que agregue ao acadêmico essa militância. Parece que temos aí algumas questões de pesquisa para o trabalho com a Identidade Étnica.

Tens uma longa caminhada no Odeere, construindo a extensão e o mestrado. Poderia mensurar qual o impacto do órgão para Jequié e região, em termos de pesquisa e progresso científico, visto que nos últimos anos é perceptível a afirmação da pertença afro-brasileira nas identidades, principalmente de jovens e adolescentes. Quais são os desafios para a cidade em termos de educação para as relações étnicas?

O ODEERE - Órgão de Educação e Relações Étnicas. Acho que ele surge num momento muito apropriado onde a população já não estava mais suportando, especialmente as novas gerações, esse separatismo, esses preconceitos que geraram secularmente discriminações. Uma educação que não se preocupa com o outro e seus sentidos. Então, o Odeere vem justamente em 2005, mas começa a ser pensado em 2004 quando eu chego do doutorado para atender ao que se

preconizava e dizia 'não dá mais'. A própria LDB também dizia que havia uma necessidade de mudança em nossas escolas. Em Jequié, por exemplo, mesmo tendo uma quantidade grande negros e negras, o município se pensava branco, visibilizando apenas os feitos italianos. Mesmo não podendo desconsiderar esses feitos, não podemos deixar de pensar que existem aqui os feitos indígenas, africanos, árabes que estão aí. Nós jequieenses somos de uma região onde esses elementos de grupos diferentes se agregam, então precisamos pensar isso, o Odeere vem justamente pra pensar processos da formação étnica desta região. Porque até então não tínhamos nessa região projetos para que os indivíduos entendessem como é que eu lido com o outro, qual é o sentido dos outros. O Odeere contribuiu bastante para essa mudança, é claro que eu não posso somente atribuir isso a quem estava de fato dentro do Odeere, mas eu atribuo também as pessoas que estavam fora do Odeere e que também ansiavam por essa mudança. Eu sempre destaco o papel da professora Graça Bispo, que em 2005 se mobilizou para implantar a lei 10639/2003, Jequié foi a primeira cidade do Estado da Bahia a regulamentar essa Lei, cuja necessidade era que as escolas trabalhassem com a história e cultura afro-brasileiras, assim os professores/as da cidade começam a procurar o Odeere para essa formação. Muitos que vieram estavam procurando uma mudança. Pensando nisso, nós nunca tivemos de fato um pesquisador aqui dentro do Odeere que fizesse um levantamento de quantos professores e professoras nós conseguimos formar nessa região, não apenas em Jequié. Nós não tivemos ainda um trabalho que se preocupasse em indagar: quantos professores e professoras o ODEERE conseguiu formar? Quantas pessoas passaram pelos cursos que oferecemos? Eu falo de professores e professoras porque naquele primeiro momento os maiores interessados eram as pessoas que estavam desenvolvendo trabalho em sala de aula. Mas com o passar dos tempos nossos cursos de extensão passou a ter pessoas de diversas áreas do conhecimento, e essas diversas áreas voltaram para os seus espaços de trabalho ou mesmo de família, dando contribuições. São cursistas administradores de empresa, professores/as, policiais, advogados e muitos outros profissionais. O Odeere tem muito a contribuir por isso entendemos a necessidade de pensar este Órgão de forma propositiva. Nós podemos pensar aqui na contribuição do Projeto Erê para a comunidade. O Projeto Erê está mais voltado aqui para o Pau Ferro e

por mais que o grupo que pensou o projeto se voltasse para um trabalho com a identidade da criança, visando pertencimento, não apenas negro, mas um pertencimento dele, do sujeito, o trabalho se voltou para tirar crianças da rua, porque a gente sempre pensou nessa possibilidade de que a criança ela pudesse está ocupada em espaço divertido que buscasse entender a si próprio, questionando sempre quem sou eu, neste sentido, conseguimos que as crianças do bairro saíssem um pouco da rua. Nós tivemos crianças que tinham tudo para adentrar a espaços que não são interessantes para elas, e elas fugiram... Portanto, o Projeto Erê trabalha com as crianças para que elas tenham o ODEERE como espaço delas. Pensar nos cursos de extensão, no Projeto Erê, em todas essas atividades extensionistas dentro do Odeere é a gente pensar nessa contribuição para um novo pensar dos indivíduos. Todas essas atividades desenvolvidas no ODEERE vão permitir que tenhamos um outro espaço dentro do Odeere, um espaço dentro do espaço que não é pra todos, o espaço da pós-graduação lato sensu e Stricto Sensu. Infelizmente é um espaço restrito a alguns, costumo dizer que no dia em que só existir no Odeere o espaço da pós-graduação, o Odeere morre, desaparece, então isso a gente precisa ter muito cuidado. Todos os outros espaços que nós conquistamos e que deu a conquista da pós-graduação são possibilidades restritas a alguns, a poucos. Mas o ODEERE não pode desaparecer nem muito menos negar a sua base, sua estrutura. Odeere como espaço de educação antirracista, anti-discriminatória, anti-homofóbica, deu sim e vem dando, contribuição para essa região. Professores e professoras hoje já procuram o Odeere, não porque eles querem os 5% em seu salário, mas porque percebem que o mundo mudou, e nessa mudança de mundo ou eles se adequam nessa mudança, ou não existe espaço pra eles. Não apenas uma mudança deles como professores e professoras, mas é a mudança como pai, como mãe, como tio, nas suas famílias... Mesmo sabendo que hoje o ODEERE com quinze anos (15) ainda suscita ojeriza por parte de alguns a ponto de dizer que é um espaço de terreiro. Então quando se diz que o ODEERE é um espaço de terreiro não está se entendendo o que é um terreiro. O ODEERE não pode ser um espaço de terreiro porque ele é um espaço que agrega pessoas de religiões diferentes e também porque não tem práticas com os fundamentos que toda e qualquer religião precisa ter. Todavia, precisamos entender que a ocidentalização nos retirou a possibilidade

de entender a relação dialética entre os patrimônios simbólicos materiais e imateriais que culturas africanas, Indígenas e tantas outras preservam. Dentro de um Órgão que produz conhecimentos especialmente destas duas culturas, não podemos continuar advogando o que essa sociedade ocidentalizada advogou ao longo de séculos, que é a materialidade das coisas. Então, o ensino, a escolaridade, o nosso fazer cotidiano se fazem com elementos que são de imaterialidades da materialidade. Quando eu lido com o medo que meus alunos têm da matemática pegando só as notas que eles tiram, muitas baixas, eu estou lidando apenas com elementos da materialidade, perco de vista que o medo traz elementos de imaterialidades. As sociedades africanas, as sociedades indígenas, elas sempre lidaram com as imaterialidades, e esses foram os grandes ensinamentos que elas deixaram para nós, "ocidentais", enraizados na ideia da materialidade. Em nossas escolas, o estudo, por exemplo, da física, se coloca dentro dos saberes de materialidades, o movimento é algo que pode medir. Não nos damos conta de que quem nunca passou por uma academia, como os africanos da África pré-colonial entendiam que havia o movimento sendo pensado de uma forma diferenciada, Eles sabiam que existiam outros elementos que estão constituídos através das imaterialidades, neste sentido que as culturas africanas reverenciam o movimento, assim como, reverenciam a paz. A grande contribuição que o ODEERE trouxe para essa região e para Jequié, é começar a pensar nesses processos de patrimônios imateriais, quem afirma que o ODEERE é terreiro ainda não entendeu esse patrimônio imaterial nas dimensões teóricas, muito menos metodológica. Então, temos nos constituído em um órgão que as pessoas estão trazendo novas pesquisas, que são pesquisas que vão dar conta de questões que nossa sociedade até então não estava atenta. Então, pensar essas novas identidades, pensar essas velhas identidades, pensar identidades que sempre foram negadas, isso é de fundamental importância. A universidade enquanto saber pluriversitário, como nos diz Boaventura, precisa estar pensando nisso. O grande papel do ODEERE é descolonizar pensamentos para que tenhamos um mundo melhor. Bem verdade que nossa sociedade ainda não está preparada, basta pensar como algumas pessoas dentro da UESB se ressentiu com as propostas que saíram dos pesquisadores /as que estão dentro do ODEERE, mas ao mesmo tempo que houve o ressentimento, houve também a necessidade do repensar o

seu papel institucional. Sendo assim, essa universidade que alguns negam o ODEERE, existem outros que reafirmam a necessidade de sua existência. Isso a gente pode ver na própria criação do órgão como Suplementar, o que é uma vitória, mas não é somente uma vitória para o ODEERE, é uma vitória pra sociedade, uma sociedade que precisa repensar seus valores. O ODEERE como órgão suplementar da universidade, está gritando esse conhecimento é legítimo, embora tenha sido negado mas é legítimo. É isso que ela está dizendo quando aprovou o órgão como suplementar! Em termos políticos está se afirmando que é uma universidade que lida com questões da diversidade racial, da diversidade étnica. Portanto o nosso papel hoje se tornou muito mais intenso, porque estamos afirmando que somos uma universidade que lida com estas questões.

A universidade e a pesquisa têm presenciado uma polifonia de vozes nessa encruzilhada que é a ciência no Brasil. Que exuzilhar nossas práticas é da ordem das resistências possíveis. O que você tem a dizer para os/as jovens pesquisadores neste momento de censura expressa às ciências contrapostas à colonialidade e seus dispositivos de fazer e deixar morrer?

Eu acho que, com essa polifonia de vozes de diferentes grupos que se sentiu oprimido desde sempre, não tem como refreia-los, mesmo que se tenha algumas vozes que expressam o retrocesso político em pleno século XXI, não há como retroceder. Ora, teve uma época em que formular objetivos instrucionais, específicos, comportamental, objetivos que enquadram os indivíduos em um modelo de resposta única era fácil, não tínhamos despertado para a necessidade de lutar por nossa identidade, nossas particularidades. Talvez fosse muito difícil elaborar objetivos expressivos (objetivos que requer que os alunos e alunas se expressam), provocativos (problematização da realidade para desenvolvimento do senso crítico). Então, naquele momento formular objetivos expressivos, provocativos era alguma coisa quase impossível. Estou me referindo a estes objetivos pois vejo o quanto é difícil a elaboração dos específicos, comportamental e instrucionais nos dias de hoje e muito mais fácil formular objetivos provocativo e expressivo. O que se pode dizer? Porque hoje nós vivemos em um mundo onde há a necessidade de questionar, de problematizar, de expressar-se. Então por isso se tornou mais fácil. A nossa necessidade de gritar é

muito mais forte que a nossa necessidade de se calar. Então eu acredito que mesmo quem inicia uma pesquisa, por exemplo, dentro do Programa de Relações Étnicas o qual lida naturalmente com conflitos, mas não tem exatamente noção de como sua pesquisa vai caminhar para enunciar esses conflitos, quando chega no meio da pesquisa, ou o indivíduo se dá conta disso, ou ele dá um nó. A gente entende que essa forma de ser pesquisador, de trazer elementos que são elementos diferenciadores de pesquisas que estavam lá na década de 40, 30, 20, se dá naturalmente... Porque nós vivemos em um outro mundo, que é um mundo onde os conflitos não estão guardados, ao contrário, eles estão externalizados. Mesmo que um pesquisador não coloque esses conflitos que estão externalizados em sua pesquisa, mesmo que ele queira esconder isso, sempre haverá uma banca que vai dizer 'eu não vi isso aqui e, no entanto, na fala dos seus pesquisados aparece'. O/a professor/a que estão em sala de aula, podem querer esconder, podem querer dizer que não têm ideologia, mas quem não tem ideologia? Pode-se dizer neutra/o, mas quem não tem elementos da sua própria identidade para enunciar. Bom é que, ao realçar os elementos da sua identidade vai realçar os elementos da identidade de seus alunos porque quando os alunos veem algo que está na sua identidade de professor, de professora, mas que não está na identidade dele, eles reagem afirmando, 'eu não sou isso que a professora está dizendo'. Portanto, pensar isso é você pensar que existe aí um legado importante para os pesquisadores e que eles não podem desprezar tudo o que esse mundo contemporâneo, "internético", globalizado, aponta e diz pra gente 'olha, tá aqui'. Desse modo, os programas interdisciplinares eles foram de fundamental importância e não surgem porque alguém teve a ideia e aí fez o primeiro programa interdisciplinar. Eles surgem porque não havia mais a possibilidade de trilharmos por essa academia disciplinar. Essa academia disciplinar ela está morrendo aos poucos. Por isso talvez haja essa luta tão grande posto que na verdade aqueles que querem perpetuar a academia disciplinar hoje não são a maioria, por essa razão eles estão lutando para perpetuar porque a academia interdisciplinar ela é hoje uma maioria. Reitero que os programas interdisciplinares estão mostrando pro mundo quantos saberes locais nós temos, e são muitos! A academia interdisciplinar está dizendo 'não tem mais possibilidade da gente trilhar pelos conhecimentos universais', a universalidade ela tem seu lugar, mas ela não é a mais importante.

Então eu acho que os programas interdisciplinares, nesse diálogo com muitas disciplinas, é muito interessante, mas não é só interessante pelo que eu já coloquei, é muito interessante porque faz a gente dizer: 'eu só conheço até aqui que é minha área de conhecimento'. Ele só é interessante porque vai ter muitas pessoas com diferentes conhecimentos. Mas faz com que a gente seja humilde para que tenhamos sempre alguém que possa nos dar um conhecimento que não temos. Lá no Programa de Desenho, Cultura e Interatividade eu sempre tenho um co-orientador. Por que? Porque eu não sei desenho, eu não sou formada em desenho. Então, qual é a minha contribuição no Programa? A contribuição de uma pesquisadora que lida com elementos antropológicos. Então eu vou ter sempre a necessidade de ter alguém que lide com o desenho e alguém que lide com a interatividade, que aí eu não sei qual é a interatividade, se você é das letras, eu vou ter que ter alguém que seja das Letras pra poder dar essa contribuição. Então, o Programa Interdisciplinar ele também faz com que a gente seja mais humilde, que a gente não seja o dono da verdade, e a academia tradicional ela sempre trilhou pela ideia do dono da verdade. O professor, a professora, precisavam sempre ser aqueles que conheciam tudo, e isso não existe. A Interdisciplinaridade tem dado pra gente mostrar de que o nosso mundo mudou, então os temas são de uma infinidade muito grande e com um cunho de humanidade... o humano está sempre dentro desses temas, isso é muito importante. A universidade tradicional fracassou!

Percebo em sua trajetória um esforço imenso em constituir o campo de estudo das Relações Étnicas, de forma que seja central a compreensão do racismo, das intolerâncias, epistemicídios e outras violências. Sabe-se que o racismo está nas pequenas práticas cotidianas e afetivas. Como é carregar os grandes poderes e as grandes responsabilidades de docente e lylorixá numa universidade que a todo momento quer dizer onde é o nosso lugar, afastando-nos desse espaço de (des)construção do conhecimento?

Na verdade, as relações dentro da universidade sempre querem nos dizer onde é o nosso lugar. Ao chegar à universidade sempre me fiz a seguinte pergunta: que resposta posso dar a essa ou aquela provocação? As provocações foram várias, iniciar na universidade fazendo um debate sobre o repensar a Didática; Outra

provocação foi alinhar o debate da disciplina Didática ministrada por mim ao debate antropológico, o que muito inquietou meus pares professores e professoras dos cursos de graduação nos quais ministrei aulas; a criação do ODEERE que muito inquietou quem pensava numa universidade apenas de cultura do letramento. A criação do ODEERE trouxe para o espaço universitário a oralidade dos diversos grupos populares. Outra provocação foi quando ao invés de continuar discutindo relações Raciais entendi a abrangência e a força com que o debate das Relações Étnicas se apresenta. Entendi que o debate das relações étnicas não me coloca apenas dentro de algo que é o racial, ele me coloca também dentro da classe, do profissional, do religioso, enfim das relações várias travadas com o Outro no meu contexto cotidiano das minhas vivências. Nesse sentido, a etnicidade me coloca dentro de algo que politicamente não é interessante para alguns grupos. Marise racializada, não era para estar dentro de uma universidade como professora. Já Marise pensada dentro do que a etnicidade nos permite analisá-la, ela aponta traços diacríticos das suas relações, do seu contexto e também situacional. Ao trabalhar com etnicidade indagamos sobre as substâncias raciais e às quais estão submetidas aos racismos de todas as ordens, as produções simbólicas, identidade, elementos dos grupos étnicos, como nos diz Manuela Carneiro da Cunha. Portanto a análise étnica traz as substâncias que constituem a identidade que não necessariamente está na raça ou na cultura. Para além de pensar sobre o negro, precisamos pensar em sua identidade religiosa que nem sempre trilha por uma análise racial. Pensar em etnicidade é analisar o grupo e seus elementos da identidade contrastiva, os elementos de fricção étnica, portanto, esses elementos todos vão se constituir em uma construção que não coloca uma pessoa em um só lugar. Mas ela pode ocupar vários lugares, sem perder de vista, o lugar digamos assim, do profissional, do religioso. Esse é o grande ganho quando estamos pensando questões de etnicidades. O/a pesquisador/a de Relações Étnicas ao me tomar como objeto/sujeito de uma pesquisa deve buscar entender como se deu a minha construção étnica para que eu, filha de lavadeira, mulher negra, nascida e criada no interior precisamente na cidade de Candeias/Ba, chegasse a ser professora universitária sem perder de vista aspectos do seu conhecimento adquirido em seu grupo étnico mas também conhecimentos da academia tradicionalista que argumenta pelo Bom Senso. Então me parece que pensar essa

constituição étnica é algo que nos dá lugares, e não é o lugar onde eu quero que alguém esteja, mas é o lugar que a constituição étnica daquele indivíduo fez com que ele estivesse. Então me parece que isso em termos políticos não é interessante para quem pensa que o indivíduo tem um único lugar. O lugar dele é esse. Indo além, quando se busca estudar o pensamento de Anísio Teixeira, por exemplo, o grande higienista da década de 30 no Brasil, se percebe que não era um pensamento étnico, para ele deveria se criar escolas para que os adolescentes ficassem o dia todo, em um turno como aluno dessa escola universal, em outro turno, o aluno vai aprender a mesma profissão do pai, sapateiro, marceneiro... Então, ele estava dizendo de alguma forma, não diretamente porque ele não tem essa fala, onde é o lugar do aluno filho de sapateiro. Com toda importância que o educador Anísio Teixeira tem, como homem de seu tempo, perdeu exatamente os elementos que são constituintes de uma etnicidade para dizer, que o indivíduo não tem exatamente *um lugar*. Porque ele tem toda uma constituição que aponta possibilidades de lugares. Então me parece que os programas de pós-graduação que se ocupam do estudo das etnicidades tem o grande desafio de lidar com uma gama de conflitos que estão presentes em diversas sociedades por conta da colonização.

Como pesquisadora, gostaria de saber leituras que têm feito, as autoras/es, novas produções afrodiaspóricas para o entendimento dos LA em Brasil, em textos teóricos, ficções e romances.

Eu tenho me detido na leitura de Cornel West (*Questão de Raça*), Mbembe (*Crítica da Razão Negra*), Ruy do Carmo Póvoas (*Da porteira para fora: mundo de preto em terra de branco* e *Representações do Escondido o Real Oculto e o dado Evidente*); Alice Walker (*Rompendo Silêncio*) entre outros que vem me possibilitando argumentar que o estudo das Relações Étnicas não podem acontecer através apenas da pesquisa bibliográfica, é necessário escutar/ouvir o que o Outro diz sobre si e sobre as coisas do mundo dele. Eu sempre disse, 'quando me aposentar' quero ler todos os teóricos que gosto e muitas vezes não foi possível fazer essas leituras, por conta da carga de trabalho, organizar aulas, fazer leituras de dissertações e teses de meus orientandos e daquelas para participar de bancas examinadoras em outras instituições. Mas ainda tenho orientandos/as para fazer

leituras de seus textos, fora os outros compromissos. Tenho me detido em leituras que dialoguem com o meu Ser enquanto pesquisadora e como pessoa que recebeu a incumbência de zelar pela tradição africana. Mas também tenho me detido em leituras para entender os pensamentos, especialmente de autores/as que não são brasileiros sobre decolonialidade, porque eles não falam em descolonização como nós os brasileiros. Mas a decolonialidade é algo que muitos autores lá foram estão se ocupando como L. J. Austin e Catherine Walsh da Linguística, o antropólogo Escobar, Maldonado-Torres entre outros. Eu venho me ocupando de fazer essas leituras, por entender que a decolonialidade lida com elementos pensados em diferentes campos de lutas, mas a luta dentro de um sentido mais discursivo. Enquanto que, a descolonização, categoria mais discutida por nós brasileiros, ele pensa muito mais em uma luta do cotidiano, é o pensar sobre o senso comum dos grupos culturais, então eu acho isso muito bacana. Está se tentando pensar por esses dois vieses. Penso que ainda precisamos dar uma contribuição ao debate das relações étnicas, pensando que ela tem toda uma relação com esse pensamento que é dos teóricos da descolonização e os da decolonialidade. Articular estes dois debates (relações étnicas, descolonização e decolonialidade) é muito interessante. E sobre outras Literaturas, eu tenho me ocupado um pouco com a literatura de Chimamanda e Alice Walker pra pensar como é que pesquisadores/as que estão mais na área da literatura se detêm em debates onde eles querem argumentar sobre a relação entre literatura e debate das etnicidades em especial, das Relações Étnicas. Então eu venho me ocupando de leituras das autoras que estão lidando com questões feministas, questões raciais, questões muitíssimas interessantes, mas que não tem a pretensão de se deter no debate das Relações Étnicas, posso citar aqui Chimamanda.

Finalizando: quais são suas aspirações agora que se aposentou oficialmente da docência? No que está trabalhando? Sei que a caminhada continua e que você ainda irá nos presentear com suas palavras e seu asê.

Na verdade assim, eu ainda estou entrando nesse processo mesmo de aposentada. Eu não estou ainda me sentindo essa aposentada, companheiro/marido brinca comigo dizendo que não sou referência de aposentada. Eu pretendo sim, trabalhar com algumas coisas que eu não tive

oportunidade de fazer por conta de todas as responsabilidades assumidas nesses quarenta anos de magistério (40), especialmente a partir da criação do ODEERE oficialmente em 2005. Como zeladora de Terreiro sou boa professora, então preciso me centrar nas minhas funções de zelar/cuidar do Terreiro, então tenho essa ocupação a qual meus ancestrais me confiaram e que durante minha vida toda eles buscaram me preparar para assumir. Se a sociedade brasileira referendasse os reis e rainhas que foram trazidos escravizados do continente africano, eu diria aqui sem precisar me deter em explicações, que durante toda minha vida fui preparada para assumir um reinado aqui no Ayê e agora preciso cuidar deste reino ancestral. Aliás, poderia permanecer na universidade, mas minha aposentadoria foi necessária para que me voltasse para essa ocupação. E no mais, eu só tenho que agradecer. Agradeço muito a minha ancestralidade porque eles sabiam que eu precisava chegar onde eu cheguei e tudo isso fez parte da preparação à qual falei anteriormente. Meus ancestrais colocaram pessoas na minha vida para que eu pudesse ter crescimento profissional, espiritual e outros. Pessoas que me ajudaram de forma muito positiva, e que esse crescimento veio também por conta dessas ajudas positivas, mas colocaram também pessoas, poucas, que foram pessoas negativas na minha vida, mas que também puderam me ajudar, mesmo com a sua negatividade, porque o crescimento ele não vem só com pessoas que são positivas, que ajudam, que contribuem, pra você ser uma melhor pesquisadora, pra você ser uma melhor professora/ educadora. Mas também as pessoas que trazem negatividade em sua vida, num primeiro momento é só negatividade, mas depois você percebe que aquela negatividade pode contribuir. Então, agradeço também a oportunidade que a universidade me deu, mas foi através do ODEERE que me tornei a docente, pesquisadora, extensionista que sou, portanto, é ao ODEERE que faço toda a louvação. Foi neste Órgão de Educação das Relações Étnicas, que pude desenvolver um trabalho universitário (prefiro dizer pluriversitário), que possibilitou que as pessoas de dentro e de fora da universidade ter acesso, neste espaço de saber pluriversitário eu pude sempre me (re) inventar. Não um reinventar de forma egoísta, mas o reinventar para reinventar, e poder possibilitar também reinvenções. Eu agradeço as pessoas das regiões Sul e Sudoeste da Bahia as quais sempre reconheceram o trabalho deste órgão, Tenho gurus nessas regiões como assim posso chamar o professor Ruy do Carmo Póvoas,

que sempre se colocou muito prestativo para contribuir. Queria também agradecer a Professora Ivanildes Moura, Professor Natalino Perovano Filho, Professor Marcos de Souza Lopes, Professora Idália Lino, Beatriz Lino, Cidália, Nega, Tonha, 'Seu' Ezequiel, 'Seu' Robson, Ozeias, Jacson, meu amigo e filho Manoel Dhemis, In memória a Haydee Santana (minha mãe Jequieense), a todos os moradores e moradoras do bairro do Pau Ferro. Também a você, mãe Marinalva e família, Iyá Solange, Edneide Putumuju, Eudes Siqueira, Adélia do quilombo do Barro Preto, Angela Eça, Edson Dias Ferreira, Taiara Santos Vilas Boas. Agradeço o carinho de Professores/as que contribuíram com o ODEERE participando de bancas examinadoras, depositando a confiança de terem seus nomes e titulações em nossos projetos: Ana Angélica, Alba Benemérita, Pepeu. Minha gratidão eterna!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS¹

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível*. In: *Cultura com aspas e outros ensaios*, São Paulo: Cosaq e Naify, 2009.

DE OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *Os (des)caminhos da identidade*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 15, nº42, fev., 2000. <https://doi.org/10.1590/s0102-69092000000100001>

hooks, bell. *Intelectuais negras*. *Revista de Estudos Feministas*, ano3, 2º Semestre, 1995.

JUNIOR, Joel Rufino. *Pedagogia das encruzilhadas*. *Revista Periferia*, v.10, n.1, p. 71 - 88, Jan./Jun. 2018. <https://doi.org/10.12957/periferia.2018.31504>

MALDONADO-TORRES, Nelson. *Pensamento crítico desde a subalternidade: os estudos étnicos como ciências descoloniais ou para a transformação das humanidades e das ciências sociais no século XXI*. *Afro-ásia*, Salvador, n. 34, p.105-129, 2006.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. 3.ed, Antígona, 2014.

SANTANA, Marise de. *O Legado africano e a formação docente*. In: *Revista Africanidades Brasileiras educação [livro eletrônico]: salto para o futuro*. Azoilda Loretto Trindade [org], Rio de Janeiro: ACERP, Brasília, 2013.

Vanessa (Quitéria) Caroline Silva Santos: Mestranda no Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade - PPGREC, bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB (2018/2019); bolsista pela CAPES (2019/2020).

¹ As referências citadas foram as de uso da entrevistadora para a redação desta entrevista.

Formada em Letras com Habilit. em Língua Portuguesa e suas Literaturas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, Afro-brasileira/negra e Artes. Ativista, escritora e poeta negra.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: Novembro de 2019.

Artigo aprovado para publicação em: Dezembro de 2019.